

ALTERNÂNCIA LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA: PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO CURSO DE EXTENSÃO DA UFPEL

LISIANI COELHO¹; SÍLVIA COSTA KURTZ DOS SANTOS²

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês da Universidade Federal de Pelotas - lisi.mae@hotmail.com

² Professora Associada IV do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas – silviacostakurtz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Dentro da temática línguas em contato, o presente trabalho, realizado no âmbito do Projeto de Extensão Curso de Línguas do Centro de Letras e Comunicação da UFPEL, tem como objetivo investigar a percepção de alunos quanto à relevância do uso da língua materna português em sala de aula de língua estrangeira inglês.

Como acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras e já atuando como professora de língua inglesa, compartilho do princípio de KRASHEN (1985) quanto ao papel da máxima exposição à língua alvo (*input*) como um dos desencadeadores vitais do processo de aprendizagem significativa em segunda língua.

[...] a aquisição ocorre quando o aluno é exposto à língua comprehensível e que contém $i+1$. O “*i*” representa o nível de língua já adquirido e o “*1*” é uma metáfora para a língua (palavras, formas gramaticais, aspectos de pronúncia) que está um passo além desse nível. KRASHEN (apud LIGHTBOWN & SPADA, 2006 p.37)

Por outro lado, durante esse processo, o aprendiz passa por diversos estágios em sua interlíngua, definida por SELINKER (1972, p. 214) como: “[...] sistema linguístico que resulta da tentativa do aprendiz em produzir uma norma da língua alvo” e que, segundo MOZILLO (2003), é um processo dinâmico e mutável, sob influência da língua materna (L1), da língua alvo (L2), bem como de outras línguas que esse indivíduo possa conhecer.

Como a aprendizagem de uma segunda língua não pode ser tratada como um fenômeno isolado, ou seja, as diferentes línguas que conhecemos não estão compartmentalizadas em nosso cérebro e sim em amplo contato, reconhecemos como de extrema relevância a alternância linguística em sala de aula de língua estrangeira. BUTZKAMM (apud KURTZ-DOS-SANTOS & MOZZILLO, 2013, p.2) destaca algumas funções da L1 que interferem positivamente na aprendizagem de L2:

Usando a língua materna, nós (1) aprendemos a pensar, (2) aprendemos a nos comunicar e (3) adquirimos uma compreensão intuitiva da gramática. A língua materna é portanto o maior recurso que as pessoas trazem para a tarefa de aprendizagem de língua estrangeira[...]

Em adição, TANG (2002) e SCHWEERS (2003), após estudos sobre o uso da L1 em sala de aula de L2, concluíram que, quando limitada a determinadas situações, esse uso não é prejudicial ao aprendiz, e sim um apoio ao processo de aprendizagem de segunda língua, inclusive quando se considera as diferenças e similaridades pragmáticas existentes entre as mesmas.

Situações em que o uso da L1 em sala de aula de L2 é justificável e vista como benéfica, incluem: eliciar língua, verificar compreensão, passar instruções complexas a níveis iniciais, promover cooperação em grupos, explicar a metodologia de sala de aula a níveis iniciais, destacar um item recém-ensinado, verificar sentido e desenvolver estratégias de circunlocução. (ATKINSON, apud SCHWEERS, 2003)

Foi investigada, então, a percepção que os aprendizes de língua inglesa têm em relação ao processo de alternância linguística em sala de aula, levando em consideração a relação/proporção entre a L1 e a L2, bem como das situações em que a consideram benéfica e prejudicial. A respeito disso, LIGHTBOWN & SPADA (2006), apontam que aprendizes possuem fortes crenças em relação à aprendizagem, boa parte delas relacionadas com a sua vivência e exemplos que consideram bem ou malsucedidos, cabendo ao professor investigar esses pontos e utilizá-los a favor do aprendiz, tornando-o mais flexível e dinâmico.

Nesse sentido, o estudo que realizamos foi com alunos do Curso de Extensão Inglês Básico III da UFPEL, parte de um programa com quatro níveis e carga horária de 60h semestrais cada, totalizando 240h.

2. METODOLOGIA

A coleta de dados foi dividida em duas etapas. Na primeira, 14 alunos responderam a um questionário acerca das suas percepções quanto ao uso do português (L1) na sala de aula de inglês (L2), procedimento de coleta de dados que se deu no primeiro dia de aula.

Na segunda etapa da coleta de dados, realizada na metade do semestre letivo, a rotina de alternância entre as línguas e com máximo uso do inglês em sala de aula deu lugar a uma aula ministrada exclusivamente na língua estrangeira. Imediatamente após a finalização da aula, os 11 alunos presentes, responderam a um segundo questionário, desta vez a respeito da experiência recém vivenciada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a análise dos dados da primeira fase da pesquisa, percebe-se que a maioria dos alunos (57%) julgou que a situação ideal em contexto de sala de aula seria a utilização de L1 na mesma proporção de L2. Ou seja, dada à natureza básica do curso, os aprendizes julgaram estar ainda muito distantes de um conhecimento que permita um entendimento eficiente de L2, como se pode identificar pelo seguinte comentário de uma das alunas: *“É necessário utilizar a língua portuguesa na mesma proporção que a inglesa para sanar dúvidas nas traduções, além de ser um curso para iniciantes onde todos temos receio de aprender errado ou falar errado.”*

Por outro lado, 43% julgou ser melhor uma maior utilização de L2, compatível com a otimização do ambiente de sala de aula, que para a grande maioria corresponde à única fonte de exposição à L2.

Outro ponto investigado durante primeira fase da pesquisa foi quanto às situações em que os alunos consideram a utilização de L1 benéfica. Nesse quesito as respostas incluíram: elucidação de dúvidas em relação à fala do professor, enunciados de exercícios, explicações gramaticais, socialização e explicação de vocabulário novo, assim corroborando a visão de ATKINSON (apud SCHWEERS, 2003) e TANG (2002) quanto às situações consideradas benéficas em relação ao uso de L1 em sala de aula de L2.

Na segunda fase da pesquisa, após uma aula exclusivamente ministrada em L2, a respostas dadas pelos alunos ao outro questionário evidenciaram uma excelente recepção ao procedimento adotado, mesmo entre aqueles que se julgavam dependentes da L1.

A visão dos alunos em relação à porcentagem de utilização das línguas alterou-se significativamente: apenas 9% deles continuou preferindo a mesma proporção das línguas, contrastando com os 57% dos achados iniciais, definitivamente, encorajando uma maior utilização de L2 no Curso Inglês Básico III. Nessa etapa, 64% dos alunos preferiu uma maior utilização de L2, enquanto que na primeira fase, esse resultado foi de 43% dos participantes. Finalmente, 27% dos alunos julgou que as aulas poderiam ser ministradas exclusivamente em L2, valorizando a necessidade de maior exposição à língua, ou seja, de mais *input* na língua estrangeira.

Esse resultado pode ser demonstrado através do depoimento de um dos alunos, que, inclusive, havia sido a favor da utilização das duas línguas em mesma proporção, durante a primeira fase da pesquisa: “*Me senti bem confortável, me possibilitou manter uma maior concentração na fala e ir compreendendo melhor o contexto.*”.

4. CONCLUSÕES

A L1 representa um recurso valioso na aprendizagem de L2, diminuindo, inclusive, situações de estresse envolvidas no processo, ocasionalmente impedindo que o aprendiz evolua. Nesse sentido, entendemos que o uso de L1 pode contribuir para um ambiente favorável de ensino e de aprendizagem de língua estrangeira, possibilitando a aproximação entre quem aprende e quem ensina, o que nos remete a outro princípio da teoria de KRASHEN (1985), sobre o filtro afetivo.

Infere-se também, que um aumento progressivo do uso da L2, associado a uma diminuição calculada do uso da L1, leva o aprendiz a um melhor aproveitamento, tendo em vista a inquestionável relevância que se deve atribuir à quantidade e qualidade do *input* recebido, conforme KRASHEN (1985).

Cabe salientar que é atribuição do (a) professor(a) orientar-se pelo “senso do plausível” (PRABHU apud KURTZ-DOS-SANTOS & MOZZILLO, 2013), através do qual será capaz de dosar a porcentagem de utilização dessas línguas em sala de aula, proporcionando um ambiente de aprendizagem mais eficiente, onde o próprio aprendiz possa tornar-se consciente do processo, abandonando crenças e mitos que sempre devem ser questionados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, D. In: SCHWEERS, W. Jr. **Using L1 in the L2 classroom.** English Teaching Forum. v.41. 2003.

BUTZKAMM, W. In: KURTZ-DOS-SANTOS, S. C. ; MOZZILLO, I. O fenômeno das línguas em contato na comunicação intercultural. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. (Org.). **Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira.** Campinas, SP: Pontes, 2013, p. 163-177.

KRASHEN, S. D. **The Input Hypothesis: Issues and Implications.** New York: Longman, 1985.

KURTZ-DOS-SANTOS, S. C. ; MOZZILLO, I. O fenômeno das línguas em contato na comunicação intercultural. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. (Org.). **Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira.** Campinas, SP: Pontes, 2013, p. 163-177.

LIGHTBOWN, P.M. & SPADA, N. **How languages are learned.** Oxford University Press, 2006, p.53-75.

MOZZILLO, I. A interlíngua construída em ambiente autônomo de aprendizado de línguas estrangeiras. In: NICOLAIDES, C. ; MOZZILLO, I.; PACHALSKI, L.; MACHADO, M; FERNANDES, V. (orgs.) **O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras.** Pelotas: Editora UFPEL, 2003.

PRABHU, N.S. In: KURTZ-DOS-SANTOS, S. C. ; MOZZILLO, I. O fenômeno das línguas em contato na comunicação intercultural. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. (Org.). **Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira.** Campinas, SP: Pontes, 2013, p. 163-177.

SCHWEERS, W. Jr. **Using L1 in the L2 classroom.** English Teaching Forum. v.41. 2003.

SELINKER, Larry. Interlanguage. In: SCHUMANN, J.H. & STENSON, N. **New Frontiers in Second Language Learning.** New York: Newbury House, 1974.

TANG, J. **Using L1 in the English classroom.** English Teaching Forum. v. 40, 2002.